

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

O MELHOR TIPO DE MITO TRÁGICO: O argumento de Aristóteles em Poética 13-14

Malcolm Heath
University of Leeds

RESUMO: Nos capítulos 13 e 14 da Poética, Aristóteles discute o melhor tipo de enredo trágico. Em ambos os capítulos, a análise repousa na premissa de que enredos trágicos devem representar eventos que evoquem piedade e medo. De todo modo, os dois capítulos chegam a conclusões que são, geralmente, vistas como inconsistentes. Neste artigo, tentarei mostrar que é possível entender os dois capítulos como um argumento simples e coerente caso atentemos ao contexto polêmico que influencia o caminho no qual ele desenvolve seu argumento, e às partículas conectivas que articulam sua estrutura lógica.

PALAVRAS-CHAVES: Poética de Aristóteles, enredo trágico, *hamartía*

ABSTRACT: In chapters 13 and 14 of the Poetics, Aristotle discusses the best kind of tragic plot. In both chapters the analysis rests on the premise that tragic plots should represent events that evoke pity and fear. However, the two chapters reach conclusions which have generally been seen as inconsistent. In this paper, I shall try to show that it is possible to understand the two chapters as a single, coherent argument if we pay careful attention to the polemical context which influences the way in which he develops his argument, and to the connective particles which articulate its logical structure.

KEYWORDS: Aristotle's Poetics, tragic plot, *hamartía*

Nota do tradutor: Para a tradução das passagens da Poética transcritas neste artigo, foi adotada a consagrada tradução de Eudoro de Souza, salvo em uma ou outra ocasião onde a leitura do autor solicitou alguma adaptação.

O problema

No início do capítulo 13 da Poética, Aristóteles apresenta seu novo tópico¹: “*Que situação os argumentistas devem procurar e quais devem evitar, e também por que via hão de alcançar o efeito próprio da tragédia – eis o que resta dizer depois de tudo quanto foi dito.*” Então ele apresenta as premissas para seu argumento: “*como a composição das tragédias mais belas não é simples, mas complexa, e, além disso, deve imitar casos que suscitam o*

¹ 13,1452b 28-30: ὥν δὲ δεῖ στοχάζεσθαι καὶ ἃ δεῖ εὐλαβεῖσθαι συνιστάντας τοὺς μύθους καὶ πόθεν ἔσται τὸ τῆς τραγῳδίας ἔργον, ἐφεξῆς ἂν εἴη λεκτέον τοῖς νῦν εἰρημένοις ...

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

terror e a piedade (porque tal é o fim desta imitação) ²”

Assim, a análise de Aristóteles da melhor tragédia é regida pela premissa de que a tragédia deve “imitar casos que suscitem terror e piedade”. Temos então aqui um exemplo primordial da poética da emoção – como era de se esperar: terror e piedade são introduzidos na própria definição da tragédia³.

Já estamos familiarizados com a discussão do melhor tipo de mito trágico no capítulo 13. Sabemos que Aristóteles recomenda tragédias nas quais o “homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça” sofre uma mudança da boa para a má fortuna “não porque seja vil e malvado, mas por força de algum erro [*hamartía*]” (tragédias como Édipo)⁴

É então surpreendente que Aristóteles, no capítulo 14 reapresente sua questão inicial:

“Ora, como o poeta deve procurar apenas o prazer inerente à piedade e ao terror, provocado pela imitação, bem se vê que é na própria composição dos fatos que se ingerem tais emoções. Consideremos agora quais dentre os eventos do mito parecem de terror, e quais os que se deve compadecer.”⁵

Estritamente falando, esta não é a mesma questão apresentada na abertura do capítulo 14. lá ele perguntava pela “*estrutura*” do mito. Aqui ele pergunta sobre os “*acontecimen-*

² 13, 1452 b 30-33: ἐπειδὴ οὖν δεῖ τὴν σύνθεσιν εἶναι τῆς καλλίστης τραγωδίας μὴ ἀπλῆν ἀλλὰ πεπλεγμένην καὶ τάττην φοβερῶν καὶ ἐλεεινῶν εἶναι μιμητικὴν τοῦτο γὰρ ἴδιον τῆς τοιαύτης μιμήσεως ἐστίν.

³ 6, 1449 b 27. O argumento pela primazia do mito (6,1450a 15-39) torna inevitável que a construção do mito seja a chave para o ἔργον da tragédia (especialmente 1450a 29-33: ἔτι ἂν τις ἐφεξῆς θῇ ῥήσεις ἠθικὰς καὶ λέξει καὶ διανοίᾳ εὖ πεποιημένας, οὐ ποιήσει ὁ ἦν τῆς τραγωδίας ἔργον, ἀλλὰ πολὺ μᾶλλον ἢ καταδεστέροις τούτοις κεχρημένη τραγωδία, ἔχουσα δὲ μῦθον καὶ σύστασιν πραγμάτων). A discussão dos mitos complexos, isto é, mitos que incluem reconhecimento e/ou peripécia (περιπέτεια) nos capítulos 10 e 11 não estabelece explicitamente que os mitos complexos sejam superiores, mas, ao menos, deixou preparado o caminho para esta conclusão – menos por demonstrar como o reconhecimento e a peripécia ligam-se à mutação dos sucessos e com a piedade e o terror (11, 1452a 31 ss. – 38-b3.), ver também 6, 1450a 33-35: πρὸς δὲ τούτοις τὰ μέγιστα οἷς ψυχαγωγεῖ ἡ τραγωδία τοῦ μύθου μέρος ἐστίν, αἱ τε περιπέτεια καὶ ἀναγνωρίσεις; 9, 1452a1-4: ἐπεὶ δὲ οὐ μόνον τελείας ἐστὶ πράξεως ἢ μίμεσις ἀλλὰ καὶ φοβερῶν καὶ ἐλεεινῶν, ταῦτα δεῖ γίνεσθαι καὶ μάλιστα [καὶ μᾶλλον] ὅταν γένηται παρὰ τὴν δόξαν δι’ ἄλληλα· τὸ γὰρ θαυμαστὸν οὕτως ἔξει O papel fundamental da mutação dos sucessos na tragédia já tinha ficado claro em 7, 1451a 11-15: ὥς δὲ ἀπλῶς διορίσαντας εἰπεῖν, ἐν ὧσα μεγέθει κατὰ τὸ εἶκος ἢ τὸ ἀναγκαῖον ἐφεξῆς γιγνομένων συμβαίνει εἰς εὐτυχίαν ἢ εὐτυχίας ἐκ δυστυχίας ἢ ἐξ εὐτυχίας εἰς δυστυχίας μεταβάλλειν, ἱκανὸς ὅρος ἐστὶν τοῦ μεγέθους (Observar que Aristóteles deixa a direção da mutação em aberto nesta passagem).

⁴ 13, 1453a 7-12 ὁ μεταξὺ ἄρα τούτων λοιπός. ἔστι δὲ τοιοῦτος ὁ μήτε ἀρετῇ διαφέρων καὶ δικαιοσύνη μήτε διὰ κακίαν καὶ μοχθηρίαν μεταβάλλων εἰς τὴν δυστυχίαν ἀλλὰ δι’ ἁμαρτίαν τινά, τῶν ἐν μεγάλῃ δόξῃ ὄντων καὶ εὐτυχία., οἷον Οἰδίπους καὶ Θυέστης καὶ οἱ ἐκ τῶν τοιούτων γενῶν ἐπιφανεῖς ἄνδρες.

⁵ 14, 1453b 11-15: ἐπεὶ δὲ τὴν ἀπὸ ἐλέου καὶ φόβου διὰ μιμήσεως δεῖδον ἐν παρασκευάζειν τὸν ποιητὴν, φανερόν ὥς τοῦτο ἐν τοῖς πράγμασις ἐμποιεῖται. Ποῖα οὖν δεινὰ ἢ ποῖα οἰκτρὰ φαίνεται τῶν συμπιπτόντων, λάβωμεν

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

tos”⁶. Entretanto, tão logo ele define que tipos de acontecimentos parecem ser terríveis ou dignos de piedade, ele se pergunta como tais eventos devem ser empregados⁷; esta é uma questão sobre a estrutura do mito. O breve sumário ao fim do capítulo é bastante claro: “Basta o que dissemos quanto à composição dos atos e à qualidade dos mitos.”⁸ Daí, muitos intérpretes concluíram que os dois capítulos abordam questões que são, no mínimo, muito conectadas.

A maioria dos intérpretes (eu mesmo incluído) também concluiu que as respostas apresentadas são inconsistentes⁹. No capítulo 13, conforme já vimos, Aristóteles parece atribuir o primeiro lugar a mitos que terminam em desgraça, mas no capítulo 14, classifica os mitos onde algo terrível acontece numa posição abaixo dos mitos onde o evento terrível é evitado¹⁰. Esta aparente contradição é um dos mais instigantes problemas da Poética. Vou sugerir uma boa via de abordagem para este problema.

Alguns pressupostos de trabalho

É óbvio que no capítulo 13 Aristóteles está engajado em um debate. Este capítulo não é um exercício analítico abstrato. Na verdade, ele debate contra opositores contemporâneos que têm visões diferentes a respeito dos mitos trágicos. Como veremos, ele enfrenta duas correntes de oponentes: aqueles que defendem o mito de intriga dupla; e aqueles que criticam

⁶ Estrutura: σύνθεσις, σύστασις. Acontecimento τὰ συμπίπτοντα Alguns viram aí a solução para o problema da inconsistência: o cap. 13 é sobre o mito, o cap. 14 é sobre um elemento do mito. O cap.13 é sobre a melhor forma de *matábasis*, o cap. 14 é sobre a melhor forma de *páthos*; e a compossibilidade do melhor tipo de mito e o melhor tratamento do elemento chave não foi abordada. Isto remove a contradição a custo de eliminar a coesão. Ver Vahlen (referindo também a intérpretes anteriores: Dacier, Twining [ver Twining 322-5], Lessing, Grudeman 266; Else 450-2 (modificando Vahlen); Halliwell 223 n. 30 critica este enfoque.

⁷ 14, 1453b 25: δεῖ καὶ παραδεδομένοις χρῆσθαι καλῶς. Τὸ δὲ καλῶς τί λέγομεν, εἴπωμεν σαφέστερον. A resposta (que envolve reconhecimento, 1453b 31-35, 1454a 3 ss.) nos trás de volta ao mito complexo.

⁸ 14, 1454a 13-15: περὶ μὲν οὖν τῆς τῶν πραγμάτων συστάσεως καὶ ποίους τινὰς εἶναι δεῖ τοὺς μύθους εἴρηται ἱκανῶς.

⁹ Heath (1996), xxxi: “Os capítulos 13 e 14 apresentam a questão do melhor tipo de mito. Ambos os capítulos assumem que o melhor tipo de mito trágico é aquele que é mais efetivo em suscitar piedade e medo; mas eles adotam diferentes linhas de enfoque e chegam a conclusões aparentemente incompatíveis.” Ibid, xxxv: “Se insistirmos que há um tipo de mito trágico que é melhor, os dois capítulos são contraditórios. Mas nós já vimos que o conceito de erro tinha ficado em aberto no capítulo 13 e, assumindo-se que pode haver uma variedade de mitos trágicos excelentes, os dois capítulos podem chegar a conclusões diferentes, sem qualquer contradição.” – J. Moles, Notes on Aristotle’s Poetics 13 and 14. CO 29 (1979), 77-94 apresenta uma discussão útil, embora ao fim sustente que há ‘uma ampla contradição.’ (91)

¹⁰ 14, 1454a 4-9.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

Eurípides. Entre estes oponentes, não está Platão¹¹. Não sabemos quem eles são, mas não devemos deixar que o nosso próprio interesse sobre como Aristóteles responde ao olhar que Platão lança sobre a poesia nos desvie do debate no qual Aristóteles está engajado agora.

Assim sendo, devemos ler o capítulo 13 como um argumento. Precisamos prestar cuidadosa atenção à estrutura lógica deste argumento, mas também devemos estar atentos à retórica aristotélica, à sua tática de debate.

Permitam-me apresentar um exemplo bem claro de como a conduta de Aristóteles, no seu argumento, é influenciada pelo contexto polêmico. Ao fim do capítulo 13 ele diz:

*Cabe o segundo lugar, não obstante alguns lhe atribuírem o primeiro, à tragédia de dupla intriga, como a Odisséia, que oferece opostas soluções para bons e maus. Estas tragédias não parecem merecer o primeiro lugar senão por astenia do público, porque os poetas complacentes as compuseram ao gosto dele. Mas o prazer que resulta deste gênero de composições é muito mais próprio da comédia, porque nela, os que são na lenda inimicíssimos, como Orestes e Egisto, se tornam por fim amigos, e nenhum deles é morto pelo outro.*¹²

A conciliação de Orestes com o assassino de seu pai encaixa-se com a definição que Aristóteles apresenta para a situação cômica: é desgraçada, mas não envolve dor nem destruição (ninguém é morto por ninguém.)¹³. Mas isso nada tem a ver com o mito da Odisséia: Odisseu não se reconcilia com os pretendentes e estes são mortos. Assemelhar o mito trágico de dupla estrutura com a comicidade burlesca da história de Orestes é totalmente injusto com os proponentes do mito de intriga dupla. Aristóteles está zombando dos seus oponentes. Ele conduz esta etapa de seu argumento a um final com uma piada deliberadamente polemica às custas de uma teoria rival.

¹¹ D.W. Lucas, *Aristotle's Poetics* (Oxford 1968), 146: “Pode-se suspeitar que ao longo desta passagem acerca da situação trágica, Aristóteles está influenciado pela denuncia de Platão dos poetas épicos e trágicos, que apresentam um mundo no qual frequentemente os bons caem em desgraça enquanto os maus são bem sucedidos.” Aristóteles é frequentemente contextualizado de uma forma bastante limitada: estamos bem cientes da presença, ao fundo, de Platão, ainda que este seja, no máximo, um interlocutor indireto na Poética. Outros (incluindo os interlocutores diretos, mesmo aqueles não nomeados) são fragmentários ou seus pontos de vista são expressos sob a forma de um debate oral não registrado.

¹² 13, 1453a 30-39: δευτέρα δ' ἡ πρώτη λεγομένη ὑπὸ τινῶν ἐστὶν οὐστάσις, ἡ διπλὴν τε τὴν οὐστάσιν ἔχουσα καθάπερ ἡ Ὀδύσεια καὶ τελευτῶσα ἐξ ἐναντίας τοῖς βελτίοσι καὶ χείροσι. δοκεῖ δὲ εἶναι πρώτη διὰ τὴν τῶν θεάτρων ἀσθένειαν· ἀκολουθοῦσι γὰρ οἱ ποιηταὶ κατ' εὐχὴν ποιοῦντες τοῖς θεαταῖς. ἐστὶν δὲ οὐχ αὕτη ἀπὸ τραγωδίας ἡδονὴ ἀλλὰ μᾶλλον τῆς κωμωδίας οἰκεία· ἐκεῖ γὰρ οἱ ἂν ἔχιστοι ὦσιν ἐν τῷ μύθῳ, οἷον Ὀρέστης καὶ Αἴγισθος, φίλοι γενόμενοι ἐπὶ τελευτῇ ἐξέρχονται, καὶ ἀποθνήσκει οὐδεὶς ὑπ' οὐδενός..

¹³ 5, 1449a32-7: ἡ δὲ κωμωδία ἐστὶν ὥσπερ εἵπομεν μίμησις φαυλοτέρων μὲν, οὐ μέντοι κατὰ πᾶσαν κακίαν, ἀλλὰ τοῦ αἰσχροῦ ἐστὶ τὸ γελοῖον μόριον. τὸ γὰρ γελοῖον ἐστὶν ἀμάρτημα τι καὶ αἰσχος ἀνώδυνον καὶ οὐ φθαρτικόν, οἷον εὐθύς τὸ γελοῖον πρόσωπον αἰχρόν τι καὶ διεστραμμένον ἄνευ ὀδύνης.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

Eu disse que Aristóteles conduz *esta etapa* de seu argumento a um final. Os dois capítulos foram escritos para figurar juntos: o capítulo 14 contém uma referência cruzada explícita ao capítulo anterior. Seria então surpreendente se eles realmente se contradissem. E ainda, esta referência cruzada é introduzida para explicar (γάρ) a conclusão sobre o melhor tipo de mito apresentada no capítulo 13¹⁴. Isto é enigmático. Para resolver este enigma, devemos encontrar um modo de ler estes dois capítulos como um único argumento – um que seja consistente e coeso, mas também extenso e complexo¹⁵. Devemos ter o cuidado de não concluir que uma declaração represente a palavra final de Aristóteles sobre a questão do melhor tipo de mito trágico, quando é evidente que ele ainda tem algo mais a dizer. Temos que ser pacientes e ter a certeza que estamos dando o devido peso à *totalidade* de seu argumento.

Capítulo 13: Contra a teoria do mito de intriga dupla (i)

Mas devemos começar, como é natural, com o que vem primeiro.

Depois de sustentar que a melhor tragédia deve ser uma imitação de eventos que suscitam terror e piedade, Aristóteles apresenta o seu famoso argumento – e eu o chamarei de “*argumento de eliminação*”. Ele considera as possíveis combinações de caracteres (que podem ser bons ou maus) e as mutações dos sucessos (que podem ser da boa para a má fortuna, ou da má para a boa). Aristóteles mostra que nenhuma das combinações possíveis produz um mito que suscite terror e piedade. Logo, todas estas combinações estão eliminadas.

Mas como pode haver um bom mito trágico se todas as combinações foram

¹⁴ 14, 1454 a 9- 13: διὰ γὰρ τοῦτο, ὅπερ πάσαι εἴρηται, οὐ περὶ πολλὰ γένη αἰτραγωδία εἰσίν. ζητοῦντες γὰρ οὐκ ἀπὸ τέχνης ἀλλ' ἀπὸ τύχης εὖρον τὸ τοιοῦτον παρασκευάζειν ἐν τοῖς μύθοις· ἀναγκάζονται οὖν ἐπὶ ταύτας τὰς οἰκίας ἀπαντᾶν ὅσαις τὰ τοιαῦτα συμβέβηκε πάθῃ. Este γὰρ explica 14, 1454 a 4-9: κράτιστον δὲ τὸ τελευταῖον, λέγω δὲ οἷον ἐν τῷ Κρεσφόντῃ ἢ Μερόπῃ μέλλει τὸν υἱὸν ἀποκτείνειν, ἀποκτείνει δὲ οὐ, ἀλλ' ἀνεγνώρισε, καὶ ἐν τῇ Ἰφιγενείᾳ ἡ ἀδελφὴ τὸν ἀδελφόν, καὶ ἐν τῇ Ἑλλῇ ὁ υἱὸς τὴν μητέρα ἐκδιδόναι μέλλων ἀνεγνώρισε. A referência cruzada é em relação a 13, 1453 a 17-22: πρῶτον μὲν γὰρ οἰοῖται τοὺς τυχόντας μύθους ἀπηριθμουν, νῦν δὲ περὶ ὀλίγας οἰκίας αἱ κάλλιστα τραγωδία συντίθενται, οἷον περὶ Ἀλκμέωνα καὶ Οἰδίπου καὶ Ὀρέστην καὶ Μελέαγρον καὶ Τηλέφον καὶ ὅσοις ἄλλοις συμβέβηκεν ἢ παθεῖν δεινὰ ἢ ποιῆσαι. Este é o primeiro sinal que confirma a posição de Aristóteles acerca do melhor tipo de mito, 13, 1453 a 12-17: ἀνάγκη ἄρα τὸν καλῶς ἔχοντα μῦθον ἀπλοῦν εἶναι μᾶλλον ἢ διπλοῦν, ὥσπερ τινὲς φασί, καὶ μεταβάλλειν οὐκ εἰς εὐτυχίαν ἐκ δυστυχίας ἀλλὰ τοῦναντίον ἐξ εὐτυχίας εἰς δυστυχίαν μὴ διὰ μαχηρίαν ἀλλὰ δι' μεγάλην ἢ οἷου εἴρηται ἢ βελτίονος μᾶλλον ἢ χείρονος.

¹⁵ Comparar com a visão daqueles que explicam a aparente inconsistência sugerindo que Aristóteles mudou de idéia. T.C.W. Stinton, “*Hamartia in Aristotle and greek tragedy*”, CO 25 (1975), 221-54, reimpresso em *Collected papers on greek tragedy* (Oxford, 1990), 143-85, em 183 para a “*mudança de idéia*.”

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

eliminadas? Aristóteles escapa da armadilha: “*Resta, portanto, o caráter intermediário*”¹⁶. Aristóteles usa a partícula ἄρα, que sugere que a solução é uma inferência assumida a partir do argumento da eliminação. Mas isto levanta dois problemas.

Primeiro, o argumento de eliminação é pautado na polaridade entre caracteres bons e maus; para criar espaço para um “*intermediário*”, é preciso transformar esta polaridade num *continuum*. Esta mudança súbita nos termos do argumento é surpreendente.

Segundo, a inferência só é válida se não há nenhuma alternativa possível ao mito no qual o caráter intermediário – isto é, “*o homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça*” sofre uma mutação de sucesso da boa para a má fortuna. Mas ainda há um outro mito possível – o qual Aristóteles ignorou – e este é o mito de intriga dupla, o mito que “oferece opostas soluções para bons e para maus”¹⁷.

Agora Aristóteles introduz o mito de intriga dupla: “É pois necessário que um mito bem estruturado seja antes simples do que duplo, como alguns pretendem.”¹⁸ Novamente, a partícula ἄρα apresenta uma inferência, sem dúvida, uma inferência *necessária*, a partir do que foi dito. Mas não pode ser correta. Uma vez que a inferência sobre o mito baseado no caráter intermediário pressupunha a inexistência de qualquer outra possibilidade de mito, esta não pode ser usada para excluir um outro tipo de mito.

De fato, este argumento de Aristóteles é marcadamente ruim. Tudo o que ele fez foi rever uma variedade de mitos simples e mostrar qual deles é o melhor (aquele do caráter intermediário). Mas mostrar que um tipo de mito simples é superior a outros mitos simples não pode provar que o melhor mito simples é melhor do que ao melhor mito de intriga dupla (seja lá o que for um mito de intriga dupla – Aristóteles não explica aqui o que isto é: apenas segue em frente para reafirmar sua própria conclusão.)

Aristóteles era muito bom com argumentos – por que argumenta tão mal aqui?

Para entender o que ele está fazendo, imagine que você é um defensor do mito de intriga dupla. Como você sustentaria a sua posição? Decerto usaria o argumento da eliminação. Se uma revisão sistemática de todos os mitos simples possíveis mostrar que todos

¹⁶ 13, 1453 a 7: ὁ μεταξὺ ἄρα τούτων λοιπός.

¹⁷ 13, 1453 a 31-3.

¹⁸ 13, 1453 a 12 ss.: ἀνάγκη ἄρα τὸν καλῶς ἔχοντα μῦθον ἀπλοῦν εἶναι μᾶλλον ἢ διπλοῦν, ὥσπερ τινὲς φασι.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

eles são inaceitáveis, então você sustentaria que o mito de intriga dupla é a única opção aceitável. Em outras palavras, você faria exatamente o que Aristóteles fez – até o ponto onde ele introduz o caráter intermediário.

Até aí, é claro, você está caminhando com Aristóteles. Você sustentaria que o fracasso de todos os tipos de mito simples é prova de que o mito de intriga dupla é a única opção aceitável. Elementos que são incapazes de um mito satisfatório por si podem satisfazer quando combinados. A Odisseia é um bom exemplo. Alguém poderia lembrar a passagem, no Íon de Platão, de Odisseu na iminência de atacar os pretendentes¹⁹. Há lá um impacto emocional poderoso. O comentário de Íon sugere que a cena inspira piedade (talvez) e terror (certamente)²⁰. O herói está numa posição digna de piedade, e o risco que ele corre evoca a possibilidade de fracasso e um desfecho terrível – mas a vitória evita este sucesso moralmente desagradável²¹ e a derrota de seus inimigos perversos assegura um efeito adequado²².

Eu disse que o partidário da teoria do mito de intriga dupla faria companhia a Aristóteles. De fato, tudo se dá ao contrário. É Aristóteles quem partilha desta companhia com o seu oponente. Ele traça os passos do defensor desta teoria até o ponto onde todos os mitos simples possíveis foram eliminados – então, ostensivamente derrota a dupla intriga ao demonstrar que não tinham sido cobertas todas as possibilidades. Mesmo que você tivesse eliminado as mutações envolvendo caracteres muito bons ou muito maus, ainda restaria o intermediário.

Podemos então ver porque Aristóteles não considerou necessário explicar o que é um mito de intriga dupla: qualquer um que estivesse familiarizado com o debate contemporâneo já o saberia²³. E o próprio argumento de eliminação já era conhecido como um argumento elaborado pelos partidários da teoria do mito de intriga dupla. O que não sabiam [os partidários] era que Aristóteles ia refutar este argumento. Isto explica porque Aristóteles não nos preparou para a entrada em cena do caráter intermediário. Ele estava deliberadamente

¹⁹ Íon 535b: ὅταν εὖ εἴπῃς ἔπη καὶ ἐκπλήξῃς μάλιστα τοὺς θεωμένους, ἢ τὸν Ὀδυσσεῖα ὅταν ἐπὶ τὸν οὐδὸν ἐφαλλόμενον ἄδῃς, ἐκφανῇ γιγνόμενον τοῖς μνηστῆρσι καὶ ἐκχέοντα τοὺς οἰστοὺς πρὸ τῶν ποδῶν.

²⁰ Íon 535c: οὐ γὰρ σε ἀποκρυψάμενος ἔρω. ἐγὼ γὰρ ὅταν ἐλινόν τι λέγω, δακρύων ἐμπίμπλανταί μου οἱ ὀφθαλμοί· ὅταν τε φοβερὸν ἢ δεινόν, ὀρθαὶ αἱ τρίχες ἴστανται ὑπὸ φόβου καὶ ἡ καρδία πηδᾷ.

²¹ 1452b 36 : μαιρόν.

²² 1453 a 2 ss.: τὸ φιλόανθρωπον. Ver abaixo (n.31) a interpretação desta palavra.

²³ A inesperada referência à teoria do mito de intriga dupla em 1453 a 12 também faz sentido: é aqui que Aristóteles traz às claras a posição que já era seu alvo implícito ao longo de todo o argumento.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

criando uma surpresa que acrescentaria um efeito retórico adicional à sua refutação²⁴.

O argumento de Aristóteles contra a teoria do mito de intriga dupla é que a inferência que esta faz a partir do argumento de eliminação não é válido. Mas, como já disse, a própria inferência de Aristóteles sobre o caráter intermediário é igualmente inválida. Ele demonstrou que a inferência de seu oponente não era necessariamente verdadeira; mas não demonstrou que é necessariamente falsa. Seu modo de sustentar o debate até então é, do ponto de vista retórico, muito efetivo, mas não o é, de forma alguma, do ponto de vista lógico. Aristóteles, é claro, sabe disso: o próximo passo visa reparar esta falha lógica.

Οἱ ἐπιεικεῖς ἄνδρες

Antes de vermos como ele fará dois detalhes isso, quero abordar dois detalhes do argumento da eliminação.

O argumento começa assim: *“evidentemente se segue que não devem ser representados nem homens decentes que passem da boa para a má fortuna – caso que não suscita nem terror nem piedade, mas repugnância ...”*²⁵

A palavra que traduzi como decente é ἐπιεικεῖς. A escolha desta palavra tem intrigado com freqüência os eruditos. É um termo relativamente fraco como recomendação moral. Mas o que Aristóteles precisa excluir é o mito no qual quem sofre a queda da boa para a má fortuna é o homem de moral ilibada – alguém que *“se distinga pela virtude e pela justiça”*, como Aristóteles diz ao introduzir o caráter intermediário²⁶. Este não é um significado que o leitor possa facilmente atribuir a ἐπιεικεῖς.²⁷

²⁴ S.L. Radt, “Zum 13. Kapitel Von Aristoteles Poetik”, in S.L. Radt and C. J. Ruijgh (ed.), *Miscellanea tragica in honorem J.C. Kamerbeek* (Amsterdam 1976), 271-84, reconhece que o cap. 13 é estruturado para apresentar a refutação do argumento da eliminação como uma conclusão, mas falha em prestar contas de como os cap. 13 e 14 são consistentes (Aristóteles apenas justapõe conclusões sobre coisas diferentes – supra-estrutura do mito vs a melhor Gestaltung da emoção – sem se preocupar se estas podem ser combinadas.)

²⁵ 13, 1452 b 34-6: πρῶτον μὲν δῆλον ὅτι οὔτε τοὺς ἐπιεικεῖς ἄνδρας δεῖ μεταβάλλοντας φαίνεσθαι ἐξ εὐτυχίας εἰς δυστυχίαν, οὐ γὰρ φοβερόν οὐδὲ ἐλεεινὸν τοῦτο ἀλλὰ μισρόν ἐστιν.

²⁶ 13, 1453 a 8. ἀρετῇ διαφέρων καὶ δικαιοσύνη.

²⁷ Lucas ad 52b 34-6 apresenta um bom sumário do problema. – Cf. Stinton 164: “A primeira situação que Aristóteles arrola como não-trágica é a de homens moralmente bons ἐπιεικεῖς ἄνδρες, passando da boa para a má fortuna. Isto é em si surpreendente e está longe de ser evidente; é uma palavra de recomendação moderada e confunde-se em sentido com χρηστός e σπουδαῖος, palavras que designam qualidades que Aristóteles prescreve, em outros lugares, para as figuras centrais da tragédia (Po.3, 15). [n.43, cf. Lucas sobre 1448 a 2, cit. Vahlen, 278 ss.] (cf. também Beiträge zu Aristoteles Poetik, 1865, 78). Esta dificuldade é parcialmente resolvida pelo contexto: ἐπιεικεῖς, em oposição ao ὁ μήτε ἀρετῇ διαφέρων καὶ δικαιοσύνη pode estar em contraste como σφόδρα ἐπιεικής, moralmente ilibado, ainda que isso seja difícil de extrair do grego. [n.44: “O sentido da palavra está suficientemente determinado pelo seu oposto, σφόδρα πονηρόν,

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

Se o argumento da eliminação pertence ao partidário do mito da dupla intriga, conforme sugeri, o emprego desta palavra faz sentido. Este partidário está tentando eliminar todos os mitos simples possíveis. Assim, ele precisa excluir mitos nos quais qualquer pessoa decente, e não apenas aquele que se distingue “pela virtude e pela justiça”, sofra uma mudança para a má fortuna. Para este propósito, um termo de fraca recomendação moral basta. De saída, Aristóteles acolhe a palavra de seu oponente, mas quando introduz o caráter intermediário, a variável ética no mito trágico requer uma revisão. Invés da polaridade, devemos pensar numa gama contínua de variação. Agora, a premissa inicial só será aceitável se interpretada de uma forma bastante restrita – tão restrita que a formulação original passa a ser vista como enganosa: deve ser introduzida com “distinta pela excelência moral ou pela justiça”. Esta frase é uma correção retrospectiva a uma fórmula de um opositor, adotada temporariamente. Quando Aristóteles prossegue falando de alguém que, “como dissemos, antes propenda para o melhor do que para o pior²⁸”, ele nos permite entender tratar-se de uma correção. Ele quer incluir mitos que invadem significativamente o espaço que o partidário do mito de intriga dupla tentou cercar ao empregar a palavra ἐπιεικής.

Assim, o argumento de que a mudança da boa para a má fortuna para uma pessoa moralmente boa é desagradável provém daquele partidário. Aristóteles não o rejeita, mas o restringe: aplica-se apenas às pessoas excelentes. E isto não exclui a totalidade dos mitos simples, como aquele partidário esperava.

Τὸ φιλόνηθρον

Outra palavra problemática no argumento da eliminação é τὸ φιλόνηθρον, que está ausente nos mitos onde uma pessoa moralmente má sofre a mudança da má para a boa fortuna²⁹, e presente nos mitos onde ocorre a mudança da boa para a má fortuna para a pessoa

bem como a expressão equivalente ἀρετὴ διαφέρων καὶ δικαιοσύνη (Twining); acompanhado pela maioria dos editores modernos] – P.J. van der Eijk, “Aristotle, *Poetics* 1452 b 34-36, a discrepancy between wording and meaning?”, *Mnemosyne* 39 (1986), 390-94, aborda o problema de outra maneira. Sugere que μήτε ἀρετὴ διαφέρων καὶ δικαιοσύνη é equivalente a μήτε δι’ ἀρετὴν καὶ δικαιοσύνην, e assim, em 1452 b 34-36 a implicação de que é *míarón* para o *epieikés* cair em desgraça por causa de sua *epieikeía*, e não devido à *hamartía*. Entretanto, o uso de Aristóteles de formas contrastantes de expressão desfavorece esta mirada e o ponto não é tão óbvio na passagem em questão (além do mais, van der Eijk admite que em 1453 a 7 ὁ μεταξὺ ... τούτων torna problemática sua interpretação), isto é μήτε διὰ... sugere implicitamente que a queda do homem mau no argumento da eliminação é devida a sua maldade; o fato de Aristóteles não dizer μήτε δι’ ἀρετὴν καὶ δικαιοσύνην sugere que a queda do homem bom se dá apesar (e não por causa) de sua bondade.

²⁸ 13, 1453 a 16: ἢ οἶον εἶρηται ἢ βελτίονος μᾶλλον ἢ χείρονος.

²⁹ 13, 1452 b 36-53 a 1: οὐτε τοὺς μοχθηροὺς ἐξ ἀστυχίας εἰς εὐτυχίαν, ἀτραγωδίατον γὰρ τοῦτ’ ἐστὶ πάντων, οὐδὲν γὰρ ἔχει ὦν δεῖ, οὐτε γὰρ φιλόνηθρον οὐτε ἐλεεινὸν οὐτε φοβερὸν ἐστίν.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

má – ainda que sem a piedade e o terror requeridos pela tragédia³⁰.

Não há tempo aqui para discutir a interpretação desta palavra – trata-se de uma questão disputada³¹. Mas há também a questão de se o φιλόανθρωπος (seja lá o que for) é

³⁰ 13, 1453 a 1-7: οὐδ' ἄ τὸν σφόδρα πονηρὸν ἐξ εὐτυχίας εἰς δυστυχίαν μεταπίπτειν· τὸ μὲν γὰρ φιλόανθρωπον ἔχει ἂν ἡ τοιαύτη σύστασις ἀλλ' οὔτε ἔλεον οὔτε φόβον, ὁ μὲν γὰρ περὶ τὸν ἀνάξιον ἐστὶν δυστυχοῦντα, ὁ δὲ περὶ τὸν ὅμοιον, ἔλεος μὲν περὶ τὸν ἀνάξιον, φόβος δὲ περὶ τὸν ὅμοιον, ὥστε οὔτε ἐλεεινὸν οὔτε φοβερόν ἐσται τὸ συμβαῖνον.

³¹ Os principais candidatos são (i) satisfação perante a um sofrimento justamente merecido e (ii) emoção humana – simpatia pelo sofrimento a despeito de qualquer verificação de mérito. (C. Carey, “Philanthropy” in *Aristotle's Poetics*, *Eranos* 86(1988), 131-9. 133 apresenta referências. David Konstan, recentemente, mostrou-se favorável a esta última interpretação (D. Konstan, *The emotions of the ancient greeks: studies in Aristotle and classical literature* (Toronto 2006), 214-8. Ver também: *Pity transformed* (London 2001), 46 ss. *Aristotle on the tragic emotions*, in V. Pedrick and S. M. Oberhelman (Ed.) *The soul of tragedy. Essays on athenian drama* (Chicago, 2006), 13-25). Konstan cita várias passagens de Demóstenes e do corpus aristotélico onde φιλόανθρωποι “está conectada com a gentileza e a disposição para perdoar aqueles que erram” (*Ath. Pol.* 16.2: διώκει δ' ὁ Πεισίστρατος, ὥσπερ εἴρηται, τὰ περὶ τὴν πόλιν μετρίως καὶ μᾶλλον πολιτικῶς ἢ τυραννικῶς. ἐν τε γὰρ τοῖς ἄλλοις φιλόανθρωπος ἦν καὶ πρῶτος καὶ τοῖς ἀμαρτάνουσι συγγνωμονικός. 16.8: μέγιστον δὲ πάντων ἡ[v] τῶν εἰρημένων τὸ δημοτικὸν εἶναι τῷ ἥθει καὶ φιλόανθρωπον. Considera decisiva a passagem da *Retórica* (2.13, 1390 a 18-23: ἐλεητικοὶ δὲ καὶ οἱ εἰσιν, ἀλλ' οὐ διὰ ταῦτα τοῖς νέοις· οἱ μὲν γὰρ διὰ φιλοανθρωπίαν, οἱ δὲ δι' ἀσθένειαν· πάντα γὰρ οἴονται ἐγγυς εἶναι αὐτοῖς παθεῖν, τοῦτο δ' ἦν ἐλεητικόν· ὅθεν ὀδυρτικοὶ εἰσι, καὶ οὐκ εὐτράπελοι οὐδὲ φιλογέλοιοι· ἐναντίον γὰρ τὸ ὀδυρτικόν τῷ φιλογέλῳ), onde os jovens estão inclinados a apiedar-se diὰ φιλοανθρωπείαν: “Filantropia evidentemente representa uma sensibilidade instintiva com relação ao sofrimento de outrem, e não aquilo que cresce – tal como a piedade – com a experiência e tomada de consciência da própria vulnerabilidade aos infortúnios” (Konstan, 217; cf. 218: “uma resposta simpatética ao sofrimento do outro a despeito de mérito ou de medo pela sua própria condição.) Entretanto, o contexto maior deste passo da *Retórica* dá margem à dúvidas. No capítulo anterior (2. 12, 1389 b 8-10: καὶ ἐλεητικοὶ διὰ τὸ πάντας χρηστοὺς καὶ βελτίους ὑπολαμβάνειν· τῇ γὰρ αὐτῶν ἀκακία τοὺς πέλας μετροῦσιν, ὥστε ἀνάξια πάσχειν ὑπολαμβάνουσιν αὐτούς), Aristoteles advertiu que jovens são propensos a apiedar-se por acreditarem que todos são bons, assumindo assim que não merecem sofrer. φιλοανθρωπία é então uma faceta do caráter que me dispõe a sentir piedade ao tornar-me apto a crer que os outros, tal como eu mesmo, não merecem sofrer. Isto não se adequa ao argumento do capítulo 13. Lá τὸ φιλόανθρωπον é associado ao mito que não é bem sucedido ao evocar terror e piedade porque o homem mau é diferente de nós e merece sofrer; mas os jovens filantrópicos da *Retórica* apiedam-se porque assumem que os outros não merecem sofrer por serem iguais a eles. – Carey argumenta de forma bastante convincente que é um erro colocar o τὸ φιλόανθρωπον na audiência: τὸ φιλόανθρωπον, bem como τὸ μισρόν, é uma qualidade d mito e não da audiência. (Carey 137; comparar com Konstan 215: “Aristóteles suatenta que tal teoria pode elucidar a resposta misteriosa que ele chama τὸ φιλόανθρωπον.” Mas onde Aristóteles afirma que isto é uma resposta? Existem paralelos no quarto século para um emprego atenuado de φιλόανθρωπος; neste sentido, “um mito ou um incidente pode ser φιλόανθρωπος naquilo que isto tem de agradável, gratificante e satisfatório.” Isto é, como Carey observa, o oposto do mito μισρός. A revisão dos mitos simples progride do que é repulsivo (onde faltam terror e piedade), do que não é atraente, para o que é atraente (embora deficiente quanto ao terror e à piedade) esta explicação pode, é claro, subsumir uma interpretação moral (Carey 138), embora não seja idêntica a uma. [Neste sentido, Carey cita Alcidas Soph. 16: ὅταν γὰρ τις ἐθισθῇ κατὰ μικρὸν ἐξεργάζεσθαι τοὺς λόγους καὶ μετ' ἀκριβείας καὶ ῥήματα συντιθέναι, καὶ βραδείᾳ τῇ τῆς διανοίας κινήσει χρώμενος ἐπιτελεῖν τὴν ἐρμηνείαν, ἀναγκαῖόν ἐστι τοῦτον, ὅταν εἰς τοὺς αὐτοσχεδιστοὺς ἔλθῃ λόγους, ἐναντία πρᾶσσοντα ταῖς συνηθείαις ἀπορίας καὶ θορύβου πλήρη τὴν γνώμην ἔχειν, καὶ πρὸς ἅπαντα μὲν δυσχεραίνειν, μηδὲν δὲ διαφέρειν τῶν ἰσχυρόνων, οὐδέποτε δ' εὐλύτῳ τῇ τῆς ψυχῆς ἀγχινοία χρώμενον ὑγρῶς καὶ φιλοανθρώπως μεταχειρίζεσθαι τοὺς λόγους. Também Isocr. 15.132 ss. καίτοι πολλάκις καὶ παρ' ἐμοῦ τοιούτους λόγους ἤκουσεν, ὥς χρὴ τοὺς πολιτευομένους καὶ βουλομένους ἀρέσκειν προαιρεῖσθαι μὲν τῶν τε πράξεων τὰς ὠφελιμωτάτας καὶ κάκεινο παρατηρεῖν καὶ σκοπεῖν, ὅπως ἐπιχαρίτως καὶ φιλοανθρώπως ἅπαντα φανήσονται καὶ λέγοντες καὶ συμπολιτευόμενοι· ὁρᾷς δὲ τὴν φύσιν τὴν τῶν πολλῶν ὥς διάκειται πρὸς τὰς ἡδονάς, καὶ διότι μᾶλλον φιλοῦσιν τοὺς πρὸς χάριν ὁμιλοῦντας ἢ τοὺς εὖ ποιοῦντας, καὶ τοὺς μετὰ φαιδρότητος καὶ φιλοανθρωπίας φενακίζοντας ἢ τοὺς

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

algo que a tragédia deva visar. O texto parece sugerir que: “não é conforme os sentimentos humanos, nem desperta terror ou piedade.”³² Mas Aristóteles não deu nenhuma indicação prévia de que isto seja parte do efeito trágico, e a palavra desaparece do restante dos capítulos 13-14³³. Segundo minha interpretação, é o partidário do mito de intriga dupla que pensa que τὸ φιλόανθρωπον seja um alvo da tragédia. Aqui também, Aristóteles acolhe a idéia, mas numa base puramente temporária; ele não está realmente comprometido com ela.

Capítulo 13: contra o mito de intriga dupla (ii)

Vamos agora abordar a próxima etapa do argumento de Aristóteles. Após reafirmar seu ponto de vista acerca do melhor mito trágico³⁴, ele prossegue apresentando duas evidências em favor do mito simples.

Primeiro, ele assinala uma tendência dos tragediógrafos em direção a uma gama reduzida de mitos adequados³⁵. Há um sinal³⁶ que apóia este ponto de vista de Aristóteles. Em segundo, ele rejeita os críticos de Eurípides³⁷. Aristóteles introduz este ponto desta forma: “*por isso erram os que censuram Eurípides por assim proceder nas suas tragédias*”. Assim, ele está produzindo uma inferência a partir de sua teoria, e não apresentando uma evidência que a suporte. Mas ele prossegue até apresentar esta evidência – melhor prova³⁸ de que o que ele afirma é correto. Refere-se á recepção, por parte da audiência, das tragédias de Eurípides que foram criticadas pelos partidários: “*na cena e nos concursos teatrais, as tragédias deste gênero mostram-se como as mais trágicas (...) e Eurípides, (...) revela-se o mais trágico dos*

μετ' ὄγκου καὶ σεμνότητος ὠφελοῦντας. ὧν οὐδέν σοι μεμέληκεν, ἀλλ' ἦν ἐπιεικῶς τῶν ἔξω πραγμάτων ἐπιμεληθῆς, οἷοι σοι καὶ τοὺς ἐνθάδε πολιτευομένους καλῶς. – Carey 138 cita diversos antecessores que sustentam esta posição. Cf. D. de Montmollin, “*Le sens du terme dans la Poétique d'Aristote*”, Phoenix 19 (1965), 15-23. cites Dem. Proem.23 ; Dem. 24.156,191 ; Aesch. 2.15 ; Lyc. 3 ; Aristóteles Pol. 2.5, 1263 b 15 (a respeito da propriedade comunitária : εὐπρόσωπος μὲν οὖν ἢ τοιαύτη νομοθεσία καὶ φιλόανθρωπος ἂν εἶναι δόξειεν· ὁ γὰρ ἀκροώμενος ἄσμενος ἀποδέχεται, νομίζων ἔσεσθαι φιλίαν τινὰ θαυμαστὴν πᾶσι πρὸς ἅπαντας.)]

³² 13, 1452 b 38-53 a 1: οὐδὲν γὰρ ἔχει ὧν δεῖ, οὔτε γὰρ φιλόανθρωπον οὔτε ἐλεεινὸν οὔτε φοβερόν ἐστιν.

³³ A ausência em 1453 b 11 ss. [τὴν ἀπὸ ἐλέου καὶ φόβου... ἡδονὴν] é especialmente significativa.

³⁴ 13, 1453 a 12-17.

³⁵ 13, 1453 a 17-22.

³⁶ 13, 1453 a 17. σημεῖον□

³⁷ 13, 1453 a 23-30: διὸ καὶ οἱ Εὐριπίδῃ ἐγκαλοῦντες τὸ αὐτὸ ἀμαρτάνουσιν ὅτι τοῦτο δρᾶ ἐν ταῖς τραγῳδαίαις καὶ αἰπολλαὶ αὐτοῦ εἰς δυστυχίαν τελευτῶσιν. τοῦτο γὰρ ἐστὶν ὥσπερ εἴρηται ὀρθόν· σημεῖον δὲ μέγιστον· ἐπὶ γὰρ τῶν σκηνῶν καὶ τῶν ἀγώνων τραγικώταται αἱ τοιαῦται φαίνονται, ἂν κατορθωθῶσιν, καὶ ὁ Εὐριπίδης, εἰ καὶ τὰ ἄλλα μὴ εὖ οἰκονομεῖ, ἀλλὰ τραγικώτατός γε τῶν ποιητῶν φαίνεται..

³⁸ 13, 1453 a 26: σημεῖον δὲ μέγιστον.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

poetas.”

Estes dois argumentos dependem de pressupostos importantes.

Primeiro, Aristóteles acredita que, ao longo do tempo, os artistas encontrarão melhores formas de compor suas obras. As artes desenvolvem-se, em geral, por um processo de aprimoramento progressivo³⁹, e principalmente a poesia evoluiu por meio de graduais inovações e aprimoramentos⁴⁰. O processo não é infalível. Por exemplo, os poetas épicos não conseguiram aprender com Homero como os mitos podem ser unificados⁴¹. Mas, em geral, o estágio evoluído dos praticantes de uma arte madura é uma boa evidência do modo como a arte deve ser praticada.

Em segundo lugar, Aristóteles também leva em conta como evidência o que as pessoas pensam⁴². Os dados empíricos (φαινόμενα) incluem tanto as observações quanto as opiniões das pessoas – especialmente opiniões que têm algum apelo para com a boa conduta (endoxa): aquelas que são universais, ou as majoritárias, ou ainda, as que são sustentadas pelos que são mais aptos a julgar⁴³. Estas opiniões são passíveis de entrar em conflito e, assim sendo, não

³⁹ SE 34, 183 b 17-34 (Aristóteles vê sua própria contribuição para a lógica como excepcional: 183 b 34-36; 184 b 1-8) Cf. EN 1. 7, 1098 a 22-26: δόξει δ' ἂν παντός εἶναι προαγαγεῖν καὶ διαρθρῶσαι τὰ καλῶς ἔχοντα τῇ περιγραφῇ, καὶ ὁ χρόνος τῶν τοιούτων εὐρετῆς ἢ συνεργὸς ἀγαθὸς εἶναι· ὅθεν καὶ τῶν τεχνῶν γεγόνασιν αἱ ἐπιδόσεις· παντός γὰρ προσθεῖναι τὸ ἐλλείπον· Pol. 2.5, 1264a1-5: δεῖ δὲ μηδὲ τοῦτο αὐτὸ ἀγνοεῖν, ὅτι χρὴ προσέχειν τῷ πολλῷ χρόνῳ καὶ τοῖς πολλοῖς ἔτεσιν, ἐν οἷς οὐκ ἂν ἔλαθεν, εἰ ταῦτα καλῶς εἶχεν· πάντα γὰρ σχεδὸν εὗρηται μὲν, ἀλλὰ τὰ μὲν οὐ συνῆκται, τοῖς δ' οὐ χρῶνται γινώσκοντες.

⁴⁰ 4, 1448 b 22-24: ἐξ ἀρχῆς οἱ πρὸς αὐτὰ μάλιστα κατὰ μικρὸν προάγοντες ἐγέννησαν τὴν ποίησιν ἐκ τῶν αὐτοσχεδιασμάτων; 4, 1449a13f.: κατὰ μικρὸν ἠϋξήθη προαγόντων ὅσον ἐγίγνετο φανερόν αὐτῆς.

⁴¹ 8, 1451 a 16-22; 23, 1459 a 37 ss.

⁴² Ao abordar questões éticas, Aristóteles insiste na importância de levar em conta o que as pessoas dizem. EN 1.8, 1098b 9-12: “*Há que se considerar [a felicidade], portanto, não só a partir de nossas conclusões e premissas, mas também do que se diz a respeito, pois com o que é verdadeiro, todos os dados se harmonizam, mas com o falso, logo discordam*” (σκεπτέον δὲ περὶ αὐτῆς οὐ μόνον ἐκ τοῦ συμπεράσματος καὶ ἐξ ὧν ὁ λόγος, ἀλλὰ καὶ ἐκ τῶν λεγομένων περὶ αὐτῆς· τῷ μὲν γὰρ ἀληθεῖ πάντα συνάδει τὰ ὑπάρχοντα, τῷ δὲ ψευδεῖ ταχὺ διαφωνεῖ τὰ ληθές).

⁴³ Top. 1.1, 100 a 29-b 23: “*o raciocínio é dialético, se formulado a partir das endoxa ... Endoxa são opiniões aceitas por todos, pela maioria ou pelos mais notáveis e ilustres*” (διαλεκτικὸς δὲ συλλογισμὸς ὁ ἐξ ἐνδόξων συλλογιζόμενος... ἐνδοξα δὲ τὰ δοκοῦντα πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς σοφοῖς, καὶ τοῦτοις ἢ πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς μάλιστα γνωρίμοις καὶ ἐνδόξοις); cf. Top. 1.10, 104 a 8-11. EE. 1.6, 1216 b 30 ss. “*Todo indivíduo tem algo a contribuir com a verdade.*” (ἔχει γὰρ ἕκαστος οἰκείον τι πρὸς τὴν ἀλήθειαν). Ainda Met. 2.1, 993 a 30-b 7: “*A investigação da verdade é, de certo modo, difícil e de outro fácil. Indicação disso é encontrada no fato de que ninguém é capaz de alcançá-la adequadamente, enquanto, por outro lado, não falhamos coletivamente, mas todos dizem algo de verdadeiro acerca da natureza das coisas e, enquanto individualmente contribuimos pouco ou nada para com a verdade, pela união, uma porção considerável é alcançada. Assim, uma vez que a verdade parece assemelhar-se à porta do provérbio, à qual ninguém deixa de bater, e, por este aspecto é fácil, mas o fato de que podemos estar de posse do todo, mas não do particular que visamos demonstra a sua dificuldade.*” (ἡ περὶ τῆς ἀληθείας θεωρία τῇ μὲν χαλεπῇ τῇ δὲ

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

podem ser aceitas acriticamente. Mas uma determinada teoria estará em maior harmonia com os *phainómena* se ela puder demonstrar que opiniões conflitantes podem conter algum elemento de verdade – ou, se não todos, ao menos “*o maior número e os mais abalizados*”⁴⁴. ”

Aristóteles atribui, então, um peso considerável ao modo como as audiências respondem à tragédia. Uma vez que ele também admite que estas respostas podem ser conflitantes entre si e podem também ser parcialmente incorretas, ele precisa identificar os elementos de verdade em cada uma delas e explicar os erros. Isto é importante quando ele completa sua refutação aos partidários do mito de intriga dupla: ele identifica esta preferência equivocada por mitos duplos com uma “*astenia do público*”⁴⁵. Os partidários do mito de intriga dupla tinham uma objeção moral contra os mitos onde uma pessoa boa passa da boa para a má fortuna. Conforme já vimos, Aristóteles acolhe esta objeção, mas de modo restrito (homens *muito* bons que passem da boa para a má fortuna), mas não no amplo sentido que aqueles tinham em mente. Ele ainda acrescenta que esta preferência reflete uma fraqueza moral⁴⁶.

Só depois de devolver este argumento moral contra os partidários do mito da intriga dupla é que Aristóteles vai se permitir a polêmica zombeteira, pela qual eu comecei.

Capítulo 13: uma questão em aberto.

A defesa de Eurípides merece atenção especial. A crítica é contra o modo como as

ῥαδία. σημείον δὲ τὸ μήτ' ἀξίως μηδένα δύνασθαι θιγεῖν αὐτῆς μήτε πάντας ἀποτυγχάνειν, ἀλλ' ἕκαστον λέγειν τι περὶ τῆς φύσεως, καὶ καθ' ἓνα μὲν ἢ μὴ μὲν ἢ μικρὸν ἐπιβάλλειν αὐτῇ, ἐκ πάντων δὲ συναθροισμένων γίνεσθαι τι μέγεθος· ὥστ' εἴπερ ἔοικεν ἔχειν καθάπερ τυγχάνομεν παροιμιαζόμενοι, τίς ἂν θύρας ἀμάρτοι; ταύτη μὲν ἂν εἴη ῥαδία, τὸ δ' ὅλον τι ἔχειν καὶ μέρος μὴ δύνασθαι δηλοῖ τὸ χαλεπὸν αὐτῆς.)

⁴⁴ EE . 7.2, 1235 b 13-18: ληπτέος δὴ τρόπος ὅστις ἡμῖν ἅμα τὰ τε δοκοῦντα περὶ τούτων μάλιστα ἀποδώσει, καὶ τὰς ἀπορίας λύσει καὶ τὰς ἐναντιώσεις. τοῦτο δ' ἔσται, ἐὰν εὐλόγως φαίνεται τὰ ἐναντία δοκοῦντα· μάλιστα γὰρ ὁμολογούμενος ὁ τοιῦτος ἔσται λόγος τοῖς φαινόμενοις. συμβαίνει δὲ μένειν τὰς ἐναντιώσεις, ἐὰν ἔστι <μὲν> ὡς ἀληθὲς ἢ τὸ λεγόμενον, ἔστι δ' ὡς οὐ. EN 7.1, 1145 b 2-7: “Devemos, como nos demais casos, dispor os *phainómena* a nossa frente e, depois de primeiro discutir suas dificuldades, prosseguir para provar, se possível, a verdade de todas as *endoxa* ... ou, caso fracássemos, do maior número e das mais ilustres; pois, se tanto refutarmos as *objeções* e deixarmos as *endoxa* intactas, teremos provado o caso satisfatoriamente.” (δεῖ δ', ὥσπερ ἐπὶ τῶν ἄλλων, τιθέντας τὰ φαινόμενα καὶ πρώτον διαπορήσαντας οὕτω δεικνύειν μάλιστα μὲν πάντα τὰ ἔνδοξα περὶ ταῦτα τὰ πάθη, εἰ δὲ μή, τὰ πλείστα καὶ κυριώτατα· ἐὰν γὰρ λύηται τε τὰ δυσχερῆ καὶ καταλείπηται τὰ ἔνδοξα, δεδειγμένον ἂν εἴη ἱκανῶς.) – As *endoxa* podem ser falsas: Top. 8.12, 162 b 27: εἰ μὲν γὰρ ἐκ ψευδῶν ἐνδόξων δέ...

⁴⁵ 13, 1452 a 33-35: δοκεῖ δὲ εἶναι πρώτη διὰ τὴν τῶν θεάτρων ἀσθένειαν· ἀκολουθοῦσι γὰρ οἱ ποιηταὶ κατ' εὐχὴν ποιοῦντες τοῖς θεαταῖς.

⁴⁶ R.D. Lamberton, “*Philantropia and the evolution of dramatic taste*”, Phoenix 37(1983), 95-103, na pág. 99, apresenta τὸ φιλόφρων como sinal de *astenia*; contrastar com J. Moles, “*Philantropia in the Poetics*”, Phoenix 38 (1984), 325-35: o peso atribuído à *astenia* tem a implicação posterior de que o terror e a piedade trágicos são genuinamente angustiantes.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

tragédias de Eurípides terminam⁴⁷. Mas Aristóteles não disse nada sobre como os mitos trágicos devem terminar. Uma vez que ele disse muito a respeito da mudança da fortuna para a má fortuna, pode parecer estranho dizer que ele não disse nada sobre os finais. Mas eu quero chamar a atenção sobre uma questão gramatical. Em grego, o tempo presente, nos modos infinitivo e particípio, é usado para falar sobre processos, e o tempo aoristo para falar da completude da ação. Há uma bela ilustração disso na *Física* de Aristóteles: “é impossível, para aquilo que não pode completar a mudança (aoristo), estar em pleno processo de mudança (presente) em direção àquilo que não pode ser uma mudança completa (novo aoristo).⁴⁸” No capítulo 4 da *Poética* ele usa o aoristo para descrever mudanças completas na história do desenvolvimento da tragédia⁴⁹. Mas no capítulo 13, ao descrever a mudança da fortuna, usa sempre o tempo presente⁵⁰. Logo, ele está falando mais de um *processo de mudança*, do que de *completude* – mais da direção da mudança do que de sua realização.

Os finais são abordados pela primeira vez na crítica a Eurípides⁵¹. Entretanto, quando defende Eurípides dos críticos, Aristóteles diz já ter estabelecido que o final das tragédias que terminam em infortúnio é o final correto⁵². É verdade: quando ele menciona tragédias pautadas em mitos tais como o de Édipo⁵³, ele assume o partido de que estes são os finais corretos.

No argumento da eliminação, o partidário do mito da intriga dupla assume que o desfecho para o qual o processo de mudança é direcionado é efetivamente alcançado. Isto o permite eliminar os mitos simples, uma vez que acredita que mitos que terminam em desgraça são incorretos. Aristóteles refuta esta posição demonstrando que estes mitos são, de fato,

⁴⁷ 13, 1453 a 23-30.

⁴⁸ Phys. 6.10, 241 b 7 ss.: οὐδὲ τὸ μεταβαλεῖν ἀδύνατον ἐνδέχεται ἂν μεταβάλλειν εἰς ὃ ἀδύνατον μεταβαλεῖν.

⁴⁹ 4, 1449 a 14: μεταβολὰς μεταβαλοῦσα; 20 ἐκ σατυρικοῦ μεταβαλεῖν; também 5, 1449 a 37: μεταβασεῖς □

⁵⁰ No capítulo 13: particípio presente (1452 b 34, 1453 a 9) infinitivo (1453 a 13) de μεταβάλλειν. (Também 1453 a 2 μεταπίπτειν) para a mutação dos sucessos. Outros lugares: cap. 7: μεταβάλλειν para mutação dos sucessos; cap. 10-11: μετάβασις, para a mutação dos sucessos (μεταβολή para peripécia e reconhecimento – μεταβολή em oposição a τῶν πραττομένων; μεταβολή para conhecimento; cap. 18: μεταβαίνει (1455 b 27) e ἀρχὴ τῆς μεταβάσεως (55b29) para a mutação dos sucessos.

⁵¹ 13, 1453 a 26 τελευτῶσιν. O termo é retomado na discussão subsequente sobre a intriga dupla, 32: τελευτᾶσα, 38: ἐπὶ τελευτῆς – S. A. White, “Aristotle’s favourite tragedies”, in A. O. Rorty (de.) Essays on Aristotle’s Poetics (Princeton, NJ 1992); notas 231 (a 24-26 é a primeira menção aos finais) e 233. Considero a reconciliação que ocorre em 235 inconvincente.

⁵² 13, 1453 a 26: τοῦτο γὰρ ἐστὶν ὥσπερ εἴρηται ὁρθόν.

⁵³ 13, 1453 a 20-22.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

corretos. Mas dizer apenas isto ainda é pouco. Isto não significa que eles são os melhores.

Mais precisamente: isto não significa que são os melhores dos melhores.

Aristóteles disse que o melhor tipo de mito é aquele onde uma pessoa “*intermediária*” é envolvida num processo de mudança da boa para a má fortuna. *Dentro* deste tipo, *mesmo* os mitos onde o processo é totalmente realizado são aceitáveis – isto é o suficiente para derrubar o mito de intriga dupla. Mas uma vez que o melhor tipo de mito foi definido em termos de processo, e não de completude, isto também inclui mitos onde o processo de mudança não é realizado em sua plenitude. É preciso um outro argumento para determinar se as duas variantes são igualmente boas ou se uma é melhor do que a outra.

Capítulo 14: o melhor dos melhores

Aristóteles não vai diretamente à próxima etapa do seu argumento: há um passo de transição. Mais uma vez, não há tempo para discutir este detalhe. Limito-me a apontar o contraste existente entre alcançar a emoção trágica por meio de um mito bem construído e alcançá-lo por meio do “espetáculo”⁵⁴. Entendo que este argumento de transição é um passo importante para a preparação do argumento que virá a seguir.

De acordo com o capítulo 14, o melhor mito é aquele onde o ato de violência é abortado. Em tais mitos não há sofrimento – não há *páthos*. Esta palavra é empregada na *Poética* tanto em um sentido amplo, quanto num sentido restrito e técnico, definida como “*ação perniciosa e dolorosa, como são as mortes em cena, as dores veementes, os ferimentos e mais casos semelhantes*”⁵⁵. Decerto, se um ato violento iminente é abortado, não haverá *páthos*, neste sentido – nem ato nem efeito visíveis de violência. A base no efeito visual torna-se impossível neste tipo de mito. O poeta tem a estrutura do mito como ponto de apoio para alcançar o efeito trágico.

O argumento do capítulo 14 é baseado num exame acurado dos possíveis padrões de violência no seio da família. Há duas variáveis: se o laço de família é conhecido ou não pela pessoa que intenta um ato de violência contra um parente; e se a violência intentada é ou não realizada.

⁵⁴ 14, 1453 b 1-3: ἔστιν μὲν οὖν τὸ φοβερὸν καὶ ἐλλεινὸν ἐκ τῆς ὀψεως γίγνεσθαι, ἔστιν δὲ καὶ ἐξ αὐτῆς τῆς συστάσεως τῶν πραγμάτων, ὅπερ ἐστὶ πρότερον καὶ ποιητοῦ ἀμεινονός.

⁵⁵ 11, 1452 b 9-13: δύο μὲν οὖν τοῦ μύθου μέρη ταῦτ' ἐστὶ, περιπέτεια καὶ ἀναγνώρισις· τρίτον δὲ πάθος. Τούτων δὲ περιπέτεια μὲν καὶ ἀναγνώρισις εἴρηται, πάθος δὲ ἐστὶ πράξις φθαρτικὴ ἢ ὀδυνηρά, οἷον οἱ τε ἐν τῷ φανερώ θάνατοι καὶ αἱ περιωδυνίαι καὶ τρώσεις καὶ ὅσα τοιαῦτα.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

Das quatro combinações possíveis, Aristóteles exclui os mitos onde a violência é intentada, mas não praticada. Isto é repugnante (por causa da intenção) e não-trágico (pois não há *páthos* – sofrimento visível)⁵⁶.

Será melhor se o ato de violência é sabidamente intentado e executado. Isto mantém o elemento repugnante⁵⁷, mas uma vez que há *páthos*, não é não-trágico. Aristóteles o descreve como “*a modo como a poetaram antigos*.”⁵⁸, deixando implícito que este tipo de mito caiu em desfavor; uma vez que, e eu já tinha assinalado anteriormente, as artes desenvolvem-se por um processo de aprimoramento gradual, o fato dos tragediógrafos terem aprendido a evitar tais mitos é uma evidência em favor de sua baixa posição no *ranking*. Entretanto, não devemos esquecer que esta é uma baixa posição no ranking dos melhores mitos trágicos. Assim, Aristóteles não está eliminando este tipo de mito. É interessante que este mito não seja eliminado por conter um elemento repugnante; ainda há uma outra diferença entre Aristóteles e os partidários do mito de intriga dupla⁵⁹.

Aristóteles prossegue: “*Melhor é, todavia, o do que age ignorando, e que, perpetrada a ação, vem a conhecê-la; tal ação não repugna, e o reconhecimento surpreende*”⁶⁰.

E o melhor tipo dentre todos é aquele onde a violência é intentada na ignorância, e o reconhecimento precede e aborta o ato violento⁶¹. Infelizmente, Aristóteles não explica porque este é o melhor. Mas, à luz do argumento de transição, podemos ao menos vislumbrar que este é o que é tecnicamente mais puro, uma vez que obriga o poeta a ater-se unicamente à

⁵⁶ 14, 1453 b 37-39: τούτων δὲ τὸ μὲν γινώσκοντα μελλῆσαι καὶ μὴ πράξει χεῖριστον· τό τε γὰρ μισρόν ἔχει, καὶ οὐ τραγικόν· ἀπαθὲς γάρ.

⁵⁷ Inferência extraída do que ele diz do próximo caso, onde a violência é intentada na ignorância. τό τε γὰρ μισρόν οὐ πρόσσεστιν (14, 1454 a 3)

⁵⁸ 14, 1453 b 27.

⁵⁹ No capítulo 13, se minha leitura estiver correta, o partidário do mito da intriga dupla qualifica o mito onde uma pessoa decente (ἐπιεικής) cai em desgraça como repugnante μισρόν e o rejeita por este motivo. Tenho sugerido que Aristóteles rejeita implicitamente esta qualificação, restringindo-a apenas à desgraça da pessoa que se destaca pela virtude e pela justiça. Aqui ele reintroduz o termo, mas sob um emprego diferente: no capítulo 13, está associado ao tipo de mito e com referência à realização do ato; no capítulo 14, refere à *intenção* com a qual alguém age: é repugnante quando alguém, conscientemente, agride ou quer agredir um *phílos* (14, 1453 b 37-39, 54 a 3 s.) Talvez seja válido assinalar que as três ocorrências de μισρός nos capítulos 13-14 são as únicas ocorrências desta palavra em Aristóteles (Observação de Guderman, van der Eijk 1986, 391). Esta distribuição pode ser indício de que esta palavra já estivesse estabelecida na discussão contemporânea dos tipos de mito trágico como um termo quasi –técnico; mas Aristóteles discorda quanto a que fatores tornam um mito repugnante.

⁶⁰ 14, 1454 a 2-4: βέλτιον δὲ τὸ ἀγνοοῦντα μὲν πράξει, πράξαντα δὲ ἀναγνώρισαι· ὁ τε γὰρ μισρόν οὐ πρόσσεστιν καὶ ἡ ἀναγνώρισις ἐκπληκτικόν

⁶¹ 14, 1454 a 4-9.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

estrutura do mito.

Conclusões

Aristóteles abre o capítulo 13 apresentando e refutando o argumento de eliminação.

Ele chega a uma conclusão negativa: a teoria do mito de intriga dupla está errada. E também a uma conclusão positiva: o melhor tipo de mito trágico é aquele onde uma pessoa que não se distinga muito pela virtude e pela justiça é envolvida em um processo de mutação da boa para a má fortuna, como resultado mais de um erro do que de uma falha moral.

Em que sentido aquela teoria estava errada? É errado dizer que mitos onde a mutação de fortuna é completada são inadequados; isto é refutado pela prática efetiva dos tragediógrafos e pela resposta da audiência a Eurípides. Mas Aristóteles não diz que o mito de intriga dupla é inaceitável ou não-trágico⁶². Ao contrário, ele diz que este é o segundo melhor, o que não quer dizer, em absoluto, ruim⁶³. Afinal de contas, o paradigma é a Odisséia, que não é um poema com um mito ruim⁶⁴. Assim sendo, Aristóteles considera o mito da intriga dupla como um dos melhores mitos trágicos, mas não o melhor.

O melhor tipo inclui mitos onde a mudança da fortuna é completada e mitos onde isso não ocorre. Aristóteles demonstra (contra os críticos de Eurípides) que mitos onde esta mudança se realiza estão corretos; mas isto não prova que eles sejam os melhores. Assim, no capítulo 14, leva sua análise adiante. Levando em conta a ressalva do capítulo 13 de que estes mitos devem pautar-se em interações dentro de uma família⁶⁵, ele argumente que será melhor se alguém (que não se distinga muito pela virtude e pela justiça, podemos assumir a partir do cap.13) interaja com um parente na ignorância (o que é, ao menos, um tipo de erro) de modo

⁶² Se não nos deixarmos levar pelo exagero jocoso do final do cap. 13.

⁶³ Cf. EN. 10,8 1178 a 9: a vida política é feliz ευτέρως ; é inferior à vida teórica, mas não é miserável.

⁶⁴ 4, 1448 b 38 – a 2: ὁ γὰρ Μαργίτης ἀνάλογον ἔχει, ὥσπερ Ἰλιάς καὶ ἡ Ὀδύσσεια πρὸς τὰς τραγωδίας, οὕτω καὶ οὗτος πρὸς τὰς κωμωδίας. A Odisséia é complexa e dupla, enquanto a Ilíada é simples (e a esse respeito, não tão boa quanto a Odisséia), e presumivelmente única (e a esse respeito, provavelmente melhor). Cf. 23, 1459 b 7-15: ἔτι δὲ τὰ εἶδη ταῦτά δεῖ ἔχειν τὴν ἐποποιίαν τῇ τραγωδίᾳ, ἢ γὰρ ἀπλὴν ἢ πεπλεγμένην ἢ ἠθικὴν ἢ παθητικὴν· καὶ τὰ μέρη ἕξω μελοποιίας καὶ ὅπως ταῦτά· καὶ γὰρ περιπετειῶν δεῖ καὶ ἀναγνώρισεων καὶ παθημάτων... οἷς ἅπασιν Ὅμηρος κέχρηται καὶ πρῶτος καὶ ἰκανῶς. Καὶ γὰρ τῶν ποιημάτων ἐκάτερον συνέστηκεν ἡ μὲν Ἰλιάς ἀπλοῦν καὶ παθητικόν, ἡ δὲ Ὀδύσσεια πεπλεγμένον (ἀναγνώρισις γὰρ διόλου) καὶ ἠθικὴ. Há aqui uma referência cruzada com 1455 b 32- a 3; τραγωδίας δὲ εἶδη εἰσὶ τέσσαρα (τοσαῦτα γὰρ καὶ τὰ μέρη ἐλέχθη), ἡ μὲν πεπλεγμένη, ἥς τὸ ὅλον ἐστὶν περιπέτεια καὶ ἀναγνώρισις, ἡ δὲ παθητικὴ, οἷον οἱ τε Αἴαντες καὶ οἱ Ἰξίονες, ἡ δὲ ἠθικὴ, οἷον αἱ Φθιώτιδες καὶ ὁ Πηλεΐδης· τὸ δὲ τέταρτον τῆς, οἷον αἱ τε Φορκίδες καὶ ὁ Προμηθεὺς καὶ ὅσα ἐν ἄδου. Reconciliar estas passagens é um problema a ser resolvido.

⁶⁵ 13, 1453 a 18: νῦν δὲ περὶ ὀλίγας οἰκίας αἱ κάλλιστα τραγωδαί συντίθενται.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

que crie uma trajetória da boa para a má fortuna (o ato violento tentado), mas sua efetivação é abortada pelo reconhecimento (o erro é revelado e corrigido)⁶⁶.

Os críticos de Eurípides não são os mesmos partidários do mito de intriga dupla⁶⁷. Então, que tipo de mito eles preferiam aos de Eurípides, os quais rejeitavam? Se sua objeção era contra os finais infelizes⁶⁸, podemos supor que eles preferiam os mitos onde tais eventos eram abortados⁶⁹. De um certo e limitado modo, Aristóteles concorda com estes críticos: ele concorda que tais mitos são os melhores dentre os melhores. O que ele rejeita não é a preferência, mas a própria crítica a Eurípides. Rejeitar esta insistência em excluir os mitos onde o infortúnio é evitado fortalece o argumento aristotélico contra os partidários do mito da intriga dupla, mas não o compromete a rebaixar estes mitos. Os críticos de Eurípides cometem o mesmo erro dos partidários da intriga dupla, ao eliminar equivocadamente um bom tipo de mitos trágicos; os partidários da dupla intriga eliminam o melhor tipo como um todo, enquanto os críticos de Eurípides tornam muito estreita a gama de opções para o melhor tipo. Aristóteles evita ambas as restrições ao reconhecer a dupla intriga como um tipo secundário, mas ainda entre os melhores, de mito trágico, e ao afirmar a excelência dos mitos onde o infortúnio é evitado sem, no entanto, eliminar os mitos onde este infortúnio se concretiza⁷⁰.

Se eu estiver correto, a aparente inconsistência entre os dois capítulos é uma ilusão criada por uma tradição de interpretação onde preconceitos sobre a natureza da tragédia (preconceitos sobre o que Aristóteles *deveria* ter pensado sobre a tragédia) levaram a tratar as premissas preliminares de motivação tática apresentadas no capítulo 13 como suas conclusões finais. Se atentarmos ao modo como Aristóteles conduz o debate com seus oponentes contemporâneos, esta inconsistência desaparece. Podemos então ver que Aristóteles não

⁶⁶ Isto vincula automaticamente este mito a um mito complexo.

⁶⁷ Aristóteles diz que *eles também* cometem o mesmo erro: διὸ καὶ οἱ Εὐριπίδῃ ἐγκαλοῦντες τὸ αὐτὸ ἁμαρτάνουσιν (13, 1453 a 23.)

⁶⁸ 13, 1453 a 24-26.

⁶⁹ É notório que Eurípides era o tragediógrafo clássico mais encenado no quarto século. Assim, o contraste, talvez, não seja contra os demais clássicos, mas contra os contemporâneos; i.e. os críticos de Eurípides talvez quisessem novas peças que não tivessem finais infelizes.

⁷⁰ Os *phainómena* que ele chama em resposta aos críticos de Eurípides são uma poderosa evidência contra a rejeição de tais mitos, mas não são evidência decisiva de que eles sejam os melhores: conforme notado acima, Aristóteles considera-os como evidências a serem empregadas criticamente. Observar também que no capítulo 14, ele sugere que a convergência, entre os tragediógrafos, para um número limitado de famílias é obra “do acaso, e não da arte” (1454 a 10-12: ζητοῦντες γὰρ οὐκ ἀπὸ τέχνης ἀλλ’ ἀπὸ τύχης εὖρον τὸ τοιοῦτον παρασκευάζειν ἐν τοῖς μύθοις). A tradição, embora tenha acolhido este melhor tipo de mito amplamente definido, pode falhar no acordo quanto à melhor subespécie, uma vez que os tragediógrafos não tinham um entendimento teórico de por que certas coisas são melhores.

Heath, Malcolm
O melhor tipo de mito trágico

insiste (como muitos pensam) que tragédias devem conformar-se a um ideal estritamente definido. Dá-se o oposto: ele combate (em mais de uma frente) contra esta estreiteza, e constrói uma hierarquia surpreendentemente diversificada e graduada de tipos de mitos trágicos aceitáveis.

[Recebido em outubro de 2008; aceito em novembro de 2008.]

Traduzido por Luiz Otávio de Figueiredo Mantovanelli